

## Ciberespaço e extremismos políticos no século XXI<sup>I</sup>

---

*Dilton Cândido Santos Maynard<sup>II</sup>*

### **Resumo**

A Internet e as redes sociais se transformaram em um ambiente fundamental para as lutas políticas no novo século. Diante desta constatação, este trabalho analisa os usos do ciberespaço por grupos de extrema-direita, privilegiando organizações da América do Sul. Entre os ciberativistas, aqueles de extrema-direita ganharam destaque, em primeiro lugar, pelo uso pioneiro que fizeram do ciberespaço. Percebendo a economia e a agilidade das redes, a extrema-direita logo pôs as mãos nos teclados. A partir de conceitos como cyberwar e netwar, observa-se alguns aspectos das ações extremistas sul-americanas nos primeiros anos do século XXI.

Palavras-chave: História e Internet, Extrema Direita, América do Sul.

### **CYBERSPACE EXTREMISM POLITICIANS IN XXI CENTURY**

The Internet and social networks have become key political struggles in the new century environment. Given this finding, this paper examines the uses of cyberspace by far-right groups, mainly South America organizations. Among the cyber activists, those right-wing gained prominence in the first place, so they made pioneering use of cyberspace. Realizing the economy and agility of the networks, the extreme right just put his hands on keyboards. Based in concepts as “cyber war” and “net war”, is possible to observe some aspects of the South American extremist actions in the first years of the XXI century.

Keywords: History and Internet, Far Right, South America.

Artigo recebido em 01/12/2013 e aceito em 05/12/2013.

Cadernos do Tempo Presente, n. 14, out./dez. 2013, p. 71-80 | [www.getempo.org](http://www.getempo.org)

*It's a shame, it's a shame but  
people are the same everywhere  
"The land of the free" and the  
"home of the brave" exists nowhere*  
Morrissey

Apesar das aparências, o ciberespaço já tem uma longa história. Vivendo tempos caninos, época de rápidas transformações, a rede mundial de computadores experimentou um avanço significativo nas últimas décadas, quando deixou de ser um ambiente restrito a especialistas e caiu nas graças do grande público. Antes espaço pouco visitado, os terrenos digitais, graças a transformações tecnológicas, à emergência da World Wide Web e a mudanças nas concepções de *interface*, passaram a ser frequentados assiduamente e em ritmo crescente. Ao final da primeira década do século XXI, o ciberespaço foi colonizado. Esta ocupação do universo binário em pouco tempo revelou o papel decisivo que a rede cumpriria na vida cotidiana, inclusive na esfera política<sup>III</sup>.

A Internet e as redes sociais se transformaram em um ambiente fundamental para as lutas políticas no novo século. Países como Irã e China têm tentado a todo custo controlar o fluxo de informação circulante na rede. No primeiro, por exemplo, aproximadamente 400 cibercafés foram fechados entre 2001 e 2007 para vigiar ainda mais os possíveis usos da web para “práticas imorais”, enquanto um “grande firewall” – controlado por milhares de funcionários estatais, dedicados a vasculhar cotidianamente a rede em busca de “desvios” no uso da Internet - ainda desafia o pouco mais de meio bilhão de navegantes chineses<sup>IV</sup>.

Considerando que as primeiras *social media*, aquelas de maior expressão, aparecem a partir de 2003, há mais de uma década as redes sociais e a web 2.0 se atrelaram a momentos simbólicos do nascente século XXI. No continente americano, o presidente Barack Obama possui quase 10 milhões de seguidores em sua página na rede de relacionamentos *Facebook*; Hugo Chávez (1954-2013) chamou a atenção ao utilizar uma arma “imperialista”, o microblog *Twitter*, para, via Black Berry, relatar aos internautas os passos do seu Governo: “La Revolución Bolivariana comprometida con el conocimiento, la ciencia y la tecnología! Seguimos creciendo en Internet!”, twittou *El Comandante* em 18 de dezembro de 2010. E sinalizando para a importância crescente da Internet, vários países têm se movimentado para a criação de “cibercomandos”<sup>V</sup>. Rússia, China e Estados Unidos já têm seus cyberwarriors, enquanto o Pentágono iniciou a construção do *The National Cyber Rangers*, através da contratação da Lockheed Martin e Arpa, empresas ligadas à concepção da rede original, uma espécie de Internet-X, uma versão da rede que servirá como “campo de testes” para simular ciber guerras.

Ora, tanto a primeira eleição do já citado Barack Obama à Presidência dos EUA (2008), quanto episódios como a “Revolução Facebook” (2011), levada adiante no Egito pouco tempo depois do chamado “Cablegate” (2010), reforçaram o poder das novas mídias. Se por acaso houve exageros em atribuir ao *Twitter* e *Facebook* os papéis políticos de motivadores da “primavera árabe”, deve-se ao menos admitir a relevância em discutir os influxos da Web neste tumultuado processo.

Entre os ciberativistas, aqueles de extrema-direita ganharam destaque, em primeiro lugar, pelo uso pioneiro que fizeram do ciberespaço. Percebendo a economia e a agilidade das redes, a extrema-direita logo pôs as mãos nos teclados. Ainda nos primeiros anos da Internet comercial, em 1996, o “Times” noticiava as páginas do ódio em ascensão: “racists have discovered that the Net is a marvelous way to get their message out to a huge audience at low cost”<sup>VI</sup>. Com a ocupação do ciberespaço, era possível evitar o muitas vezes perigoso contato frente-a-frente: “in the electronic age, face-to-face meetings are secondary importance in

forging international linkages. Like the domestic groups, the international far right utilizes the Internet as well as fax machines and desktop publishing to spread the word<sup>VII</sup>.

É importante salientar que atentados em 11 de Setembro de 2001 mostraram ao mundo uma nova face do terrorismo, antes conhecida apenas pelas agências de espionagem. Organizações não-lineares, com ativistas atuando em um modelo de dispersão, dentro da concepção de “lobos solitários”, dificultavam o rastreamento das parcerias e a identificação da hierarquia em grupos como a Al Qaeda. Nunca é demais lembrar que os sequestradores dos aviões da American Air Lines e da United Airlines utilizaram recursos como e-mails e salas de chats para articularem o atentado, bem como pesquisaram na rede informações sobre os alvos a serem atingidos. Neste novo modelo, a tecnologia passou a ocupar um papel central, pois como observou David Talbot “a internet não é apenas uma ferramenta usada pelas organizações terroristas – ela é fundamental para suas operações. Alguns afirmam que desde o 11/9, a presença da Al Qaeda on-line se tornou ainda mais forte e pertinente do que sua própria presença física”<sup>VIII</sup>.

A simples ideia de que qualquer pessoa pode expressar a sua visão de mundo para uma imensa massa contribuiu significativamente para o desenvolvimento de extremismos on-line. Nesta nova esfera pública, conceitos de “Jihads virtuais” (guerra santa virtual) a “Netkriegs” (guerras em rede) foram forjados. E também cientes da força da rede como ferramenta política diferentes grupos de extrema-direita<sup>IX</sup> estiveram presentes na Internet desde os anos 1990, realizando ações de ativismo através de um diversificado repertório. Assim, a emergência do chamado “hate speech” no ciberespaço ofereceu a possibilidade de aproximar extremistas, conferindo a eles uma maior articulação.<sup>X</sup>

Considerando que a tecnologia não possui uma ideologia particular, a nossa proposta é proceder uma análise política dos extremismos de direita considerando os meios nos quais as suas ideias são veiculadas. Desta maneira, estamos colocando em destaque as modalidades culturais tomadas para a prática fascista.

Mais do que uma ferramenta de propaganda, a Web se tornou um espaço onde fantasias se realizavam. Até mesmo as fantasias da segregação. O mesmo tempo canino que acompanha a expansão da internet testemunha a crescente presença de skinheads nas páginas dos jornais, nas ruas, nos noticiários televisivos e nos relatórios de delegacias do mundo, sobretudo na Europa e na Américas.

O mundo pós-1990 se anunciava como inevitavelmente melhor. Com a reunificação da Alemanha, o fim da Guerra Fria e a vitória inquestionável do capitalismo, todos os obstáculos que conduziriam a uma sociedade mais justa haviam sido retirados do caminho. Contudo, a onda xenófoba e o chamado inverno neonazista (1990-91), a entrada dos EUA em novas guerras, assim como o genocídio nos Balcãs sinalizavam tempos difíceis. A novidade na emergência de neonazistas mundo afora estava no fato de que, diferente dos primeiros, os novos foram educados. Não havia uma crise econômica mundial nos moldes de 1929 ou qualquer outro vetor que repetisse a conjuntura dos anos 1920 e 1930.<sup>XI</sup>

No Brasil, entre os divulgadores do ódio e da supremacia racial na Web merece menção o *Valhalla*. Criado em 1997 e retirado de operação em 2007, através de ação judicial e de parceria entre as polícias brasileira e argentina, o site já esteve instalado no provedor argentino *Ciudad Libertad de Opinión* ([www.libreopinion.com](http://www.libreopinion.com)) - provavelmente o maior hospedeiro sul-americano de páginas da extrema-direita. No Valhalla era possível encontrar textos do conhecido revisionista Robert Faurisson e trabalhos assinados por Bruce Hagen, autor que critica a posição central ocupada pelo extermínio judeu na II Guerra. Hagen naturaliza o anti-semitismo: “historicamente parece ter algo sobre os judeus que traz à tona uma plenitude de animosidade da parte do povo dentre o qual eles vivem”. Afirmações como estas, comuns nas páginas neofascistas, trazem entre si uma perversa deturpação.

Recusando-se a admitir o Holocausto como um problema não apenas judeu, mas da humanidade, Hagen e os demais revisionistas preferem esquecer um aspecto fundamental. O caráter doentio da intolerância e da violência contra o outro não deve ser rastreado nas vítimas, mas nos seus carrascos. A “maquinaria judia” tão requisitada pelos revisionistas não explica o ataque gratuito e covarde com uma bomba caseira, como aquele desferido após a Parada do Orgulho Gay em 2009, num bar de São Paulo, no qual 21 pessoas acabaram feridas<sup>XII</sup>. Como justificar o ataque de skinheads a Ivan Kotelchuk<sup>XIII</sup>, de 19 anos, as oito punhaladas que ele recebeu, os chutes, e sua morte numa fria madrugada de junho, em 2005, em plena Avenida de Mayo, em Buenos Aires? Ora, como lembra Francisco Carlos Teixeira da Silva, o fato de “ser judeu, cigano ou gay não encerra em si um mal atávico ou histórico; tampouco uma condição, ou especificidade histórica, a ser superada; a inconformidade homicida com a condição do outro é, isto sim, um mal a ser superado”.<sup>XIV</sup> E através da Web, este ódio ao outro tem sido celebrado, arquitetado, ensinado.

Cabe lembrar que a ação de grupos extremistas já era uma preocupação de intelectuais norte-americanos desde o final dos anos 1990. Em uma série de artigos pioneiros, John Arquilla e David Ronfeldt chamaram a atenção para o problema da “Netwar”. Para estes autores, grupos fundamentalistas, movimentos sociais e milícias estavam compartilhando uma mesma estratégia de guerrilha, ainda mais descentralizada. Um empreendimento que concebia a possibilidade de ataques aos EUA e exigia medidas defensivas.

Procurando limitar o conceito, John Arquilla e David Ronfeldt afirmam que:

*The term “netwar” denotes an emerging mode of conflict (and crime) at societal levels, involving measures short of war, in which the protagonists use (...) network forms of organization, doctrine, strategy, and communication. These protagonists generally consist of dispersed, often small groups who agree to communicate, coordinate, and act in an interested manner, often without a precise central leadership or headquarters. Decisionmaking may be deliberately decentralized and dispersed<sup>XV</sup>.*

Neste caso, portanto, falamos de um tipo diferente de organização. Ao contrário de grupos concebidos a partir de uma estrutura hierárquica, rígida, como, por exemplo, as antigas organizações leninistas. Deste modo, o conceito de “netwar” aparece com maior clareza em organizações como a Al-Qaeda, entre os zapatistas ou entre grupos extremistas do que propriamente se considerássemos grupos como *Ku Klux Klan* ou mesmo um Ministério. Também pelas características deste tipo de atividade, as milícias norte-americanas, assim como grupos nacionalistas e fundamentalistas têm praticado os princípios da “netwar”. Conforme Arquilla e Ronfeldt:

*For example, some extreme rightist militia members in the United States have been heard to declare netwar (or netkrieg) against the U.S. government, and have organized a virtual netwaffe. Also, center-left activists operating in Mexico sometimes refer to themselves now as “netwarriors”.<sup>XVI</sup>*

O problema com as análises de Arquilla e Ronfeldt reside numa preocupante simplificação. Ao classificar numa mesma rubrica movimentos sociais, fundamentalistas islâmicos e as milícias norte-americanas, os autores perdem de vista as especificidades de tais grupos. E acabam por conduzir a uma interpretação em que ativismo é elevado a ato de guerra ou terrorismo. Ora, há diferenças conceituais e morais significativas entre a ideia de uma guerra racial e a ideia de terra para todos, por exemplo.

Por outro lado, é inegável que se apropriando da Internet, grupos de extrema-direita identificaram as brechas para se fortalecerem e encontraram um meio de comunicação seguro, atrativo e econômico. Antes, cabe lembrar que esta apropriação foi facilitada pela falta de uma legislação específica e pela própria característica supra territorial da rede, que dificultava a ação das autoridades. Lembremos que o ciberespaço não tem uma arquitetura linear. É antes um universo em contínua expansão<sup>XVII</sup>. E justamente esta espécie de “anomalia geográfica” resulta em problema, pois o direito não acompanha a velocidade do ciberespaço. Na rede as transformações são velozes, impedindo uma monitoração frequente pelo poder legislativo. Conforme Bauman, “o que quer que se mova a uma velocidade aproximada à do sinal eletrônico é praticamente livre de restrições relacionadas ao território de onde partiu, ao qual se dirige ou que atravessa”.<sup>XVIII</sup>

Desde as primeiras manifestações cibernéticas, ainda no final da década de 1990, as ideias destes grupos eram veiculadas com estratégias de simplificação (através de slogans, por exemplo), da construção de um inimigo único, o outro conveniente que, como observou Robert Paxton, compreende uma variável que pode ser o negro, o nordestino, o homossexual e frequentemente o judeu.<sup>XIX</sup> Portanto, entre 1999 e 2007, grupos sul-americanos de extrema-direita, com diferentes matizes, demonstraram as potencialidades da rede mundial de computadores. Uma história que esteve marcada pela emergência de um portal de belo nome, mas que escondia propósitos sombrios.<sup>XX</sup>

Em 21 de setembro de 1999, durante a expansão da Internet comercial, apareceu o portal argentino “Ciudad Libertad de Opinión” (<http://www.libreopinion.com>). Como finalidade prioritária, o portal apresentava:

*Su finalidad prioritaria es la defensa de la libertad de expresión, a  
abriendo sus puertas y ofreciendo hospedaje a camaradas y organizaciones  
de todo el mundo, especialmente a quienes han visto prohibidos sus sitios o  
cercenadas sus actividades, por la intolerancia y la presión mafiosa  
ejercidas por ciertos grupos de poder sobre distintos proveedores de  
servicios.*<sup>XXI</sup>

Praticamente desde o seu surgimento, o *Ciudad Libertad de Opinión* (depois chamado apenas apenas Libre Opinión) participou de um contraditório movimento internacional formado por grupos xenófobos, antissemitas, racistas em defesa da “liberdade de expressão” na Internet. Trata-se de um logocídio, se acompanharmos o raciocínio de Chris Hedges em sua obra *American Fascists*<sup>XXII</sup>. Como explica Hedges, através deste “assassinato das palavras”, as velhas definições dão lugar a novas, perversamente deformadas. Determinadas palavras adquirem o sentido diametralmente oposto ao seu original. Os perigos desta deturpação ampliam o sentido da observação de Bloch sobre não haver “perigo mais grave para uma pedagogia do que ensinar palavras em vez de coisas”.<sup>XXIII</sup> É assim com o movimento que exige o direito de defender a limitação de preceitos básicos da cidadania a uns poucos que se auto-elegem escolhidos e superiores. Liberdade de expressão para os idealizadores do LO se confunde com o direito de exigir que o outro, o diferente, *não tenha* direitos.<sup>XXIV</sup> A afirmativa básica das ideias do LO é a negação da possibilidade de alteridade.

Desta maneira, durante quase uma década, o logocídio do Libre Opinión abriu a clareira para que grupos das mais diversas tendências, células de diferentes lugares da América do Sul, utilizassem-no. Assim, em pouco tempo, como a cabeça da Medusa, a página se tornou o mais conhecido sítio sul-americano de extrema-direita, hospedando a grupos bolivianos, chilenos, equatorianos, peruanos, brasileiros, argentinos, venezuelanos. Alguns *Skinheads White Power* brasileiros escreveram em sua página: “Thanks Libre Opinion for respect our opinions and for hosting our page”. De cada um dos sítios hospedados pelo LO

disparavam-se discursos furiosos. Cada um deles foi, durante anos, um porta-voz da intolerância. O “manifesto” do *White Honour* São Paulo, por exemplo, dizia:

*My ideal with this page is bring to you a bit of facts that makes me angry living over this "democratic" country! I'm not here to justify my thoughts through christianism, I don't feel myself being a brazilian because the borders of a country are not enough to make a strong country. I have a duty with my family, my ancestors, my race: they come first of it all. I work hard to gain some money - enough to live - because non-employeds are millions here, while the STUPID government of this shit steals our money smiling, licking the boots of the international jew banks! And now the niggers want money because "they were slaves and the justice shall pay them"... Hell! What is this world?<sup>XXV</sup>*

O mesmo documento afirmou também:

*The niggers whant money for their ancestors kept as slaves. So all the whites should request their part, our part, because TODAY we are the slaves. I would like to remember that all the slaves brought to Brazil were the worst kind of shit in their country, so stupid (or dangerous) that they were sold by their own leaders and families. They were the most dumb over Africa and this is the reason they were slaves! Can you imagine the worst of the worsts?<sup>XXVI</sup>*

Porém, por intervenção da Justiça brasileira e de parceria entre as Polícias Federais dos dois países, em 2007 o portal argentino viu-se forçado a excluir sites produzidos por brasileiros. Podemos identificar, por exemplo, páginas como *Valhalla 88*, *White Power SP*, *Blood and Honour Southland*, *White Honour*. Porém, ao retirarem estes sítios de operação, as autoridades conseguiram apenas cortar algumas das “cabeças da serpente”. As ideias de ódio e intolerância não perderam espaço, sobretudo pelo fato de que os mesmos grupos já haviam se movimentado para dispersar mais ainda as suas ações, explorando servidores de fora da América do Sul e, na maioria das vezes, migrando para as redes sociais, emergentes a partir de 2003.

Os exemplos acima evidenciam que, ao final do século XX, uma rede virtual de grupos de extrema-direita foi montada com o auxílio da Internet. E entre 1999 e 2007, a maioria das páginas sul-americanas deste tipo aparecia alojada no *Ciudad Libertad de Opinión*. O sítio argentino funcionou como um portal, agregando diferentes tipos de home pages, oferecendo links, opções de ação, articulando uma proposta de ação conjunta e dispersa ao mesmo tempo.

Mas por que relacionar internet e extremas-direitas na América do Sul? Fundamentalmente, porque é preciso narrar e refletir sobre esta invasão virtual dos pregadores da barbárie. Além disto, poderíamos apontar os seguintes motivos:

1) A abertura da Internet para comercialização coincidiu com um amplo conjunto de transformações vividos pelo mundo Ocidental em meados dos anos 1990. Tais mudanças foram acompanhadas por uma ascensão de práticas intolerantes alicerçadas em discursos e heróis que muitos julgavam sepultados desde o fim da Segunda Guerra. Complexos processos como a reunificação alemã, a queda do Muro de Berlim e a desagregação da União Soviética provocaram uma inesperada onda xenófoba na Europa e suas ressonâncias abriram as brechas para o fortalecimento de movimentos neofascistas<sup>XXVII</sup> mundo afora;

2) Simultaneamente a estes acontecimentos, a Internet deixou de ser um privilégio de pesquisadores, militares e *nerds* e se tornou um produto comercializável. O sucesso foi rápido e o potencial do novo veículo logo foi percebido por diferentes movimentos sociais e partidos

políticos. Além disto, o advento da chamada Web 2.0, com a rápida difusão das redes sociais, promoveu transformações de ordem qualitativa e quantitativa na produção de informações, permitindo a grupos de baixa capacidade financeira a lançarem suas ideias no ciberespaço, sendo este um aspecto ainda pouco analisado pelos historiadores quando se trata da Internet;

3) Por fim, o historiador deve estudar a Internet para que tenhamos noção do que ela é, seja como meio de comunicação, seja como prática social. Ángel Martínez de Velasco Farinós nos lembra que a tecnologia, assim como a arte e a literatura, é um produto da atividade humana.<sup>XXVIII</sup> Neste processo através do qual refletimos sobre a ocupação do ciberespaço, sobre o seu consumo na vida contemporânea, o aumento destes lugares virtuais do ódio e a persistência de um fenômeno como o fascismo são um campo amplo para investigações.

É válido lembrar que, quando as primeiras páginas neofascistas apareceram, a reação a elas esteve muito próxima daquela experimentada pelos camisas negras italianos e pela “peste marrom” que parecia inundar as ruas da Alemanha entre 1920 e 1940. As suas pretensões eram nada mais que delírios, sonhos de arruaceiros políticos.

Por sua vez, as assinaturas “14/88” em fóruns e textos de supostos defensores da liberdade de expressão exigem reflexão. Eis o significado: 1, equivale à primeira letra do alfabeto - A; 8, conseqüentemente, representa o H. “AH” Adolf Hitler. Por isto, muitos grupos utilizam o número 88 em suas designações: “HH”, isto é, “Heil Hitler!”. Por sua vez, o uso do 14 representa as 14 palavras presentes no slogan do movimento da supremacia branca pelo mundo: “We must secure the existence of our people and a future for white children” (*Nós devemos assegurar a existência de nosso povo e o futuro das crianças brancas*). O que tamanha intolerância nos mostra? Possivelmente, como observou Teixeira da Silva, a permanência de práticas como estas evidencia que “em algum momento a educação – não só o ensino da história – mas, todo o processo educativo, falhou! A escola não soube, ou não pode com seus meios, evitar o nazismo (de novo)!”, ou seja, a ressurgência dos fascismos “é uma derrota da escola”<sup>XXIX</sup> (SILVA). Cabe ao historiador investigar, narrar, denunciar os riscos desta banalização do mal levada adiante eletronicamente nos primeiros anos deste novo século.

## NOTAS

<sup>I</sup> Este texto é resultante da pesquisa Ciber cultura & Intolerância : A Extrema Direita Sul-Americana na Internet (1996-2007) desenvolvida com recursos do Edital FAPITEC/SE /FUNTEC/CNPq N° 04/2011- Programa Primeiros Projetos (PPP).

<sup>II</sup> Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>III</sup> MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre História e Internet**. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias, 2011; CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

<sup>IV</sup> POLÍCIA fecha 400 cibercafés no Irã <<http://idgnow.terra.com.br/idgnow/internet/2001/05/0049>> acesso em 18/02/2005; CIBERCAFÉS fechados em campanha contra imoralidade <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=464MON001>> acesso em 18/03/2008; USUÁRIOS de internet chineses enfrentam muralha invisível. <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL286708-5602,00.html>> acesso em 20/03/2008.

<sup>V</sup> CLARKE, Richard. **Cyberwar: the next threat to national security and what to do about it**. New York: Harper-Collins, 2010.

<sup>VI</sup> “Racistas descobriram que a Net é uma forma maravilhosa de levar sua mensagem a um público enorme a baixo custo”. Tradução livre. QUITTNER, Joshua, STAMPER, Chris. Home pages for hate. Time. Jan. 22, 1996. <[www.time.com/time/.../0,9171,983994,00.html](http://www.time.com/time/.../0,9171,983994,00.html)> Último acesso 20/08/2011.

<sup>VII</sup> “Na era eletrônica, encontros cara a cara tem uma importância secundária na formação de alianças internacionais. Como os grupos domésticos, a extrema-direita internacional utiliza a Internet, bem como máquinas de fax e da editoração eletrônica para espalhar a palavra a palavra”. Tradução livre. RIDGEWAY,

James. **Blood in the Face: The Ku, Klux, Klan, Aryan Nations, Nazi skinheads, and the Rise of a New White Culture**. 2 ed. New York: Thunder's Mother Press, 1995.p.21

<sup>VIII</sup> TALBOT, David. Terror's Server - How radical Islamists use internet fraud to finance terrorism and exploit the internet for Jihad propaganda and recruitment. Technology Review. <[http://www.technologyreview.com/articles/05/02/issue/feature\\_terror.asp?p=0](http://www.technologyreview.com/articles/05/02/issue/feature_terror.asp?p=0)> Último acesso em 09/06/2005.

<sup>IX</sup> Por extrema-direita entenderemos aqui o tipo de “extremismo convencionalmente considerado como de direita, emanção direta de classes e categorias sujeitas a uma repentina perda de status e condição e uma drástica redução da sua influência política”. Cf. BOBBIO, Noberto. Extremismo. In: **Dicionário de Política**. Trad. João Ferreira, Carmem varriale et alli. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986. p.457-459.

<sup>X</sup> BACK, L, KEITH, M, SOLOMOS, John. Racism on the Internet: mapping neofascist subcultures in cyberspace. BJØRGO, T., KAPLAN, J. (Orgs.). **Nation and race: the developing Euro-American racista subculture**. Austin, TX: Northeastern University Press, 1998.

<sup>XI</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O século XX: entre luzes e sombras. In: **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.p.1-25.

<sup>XII</sup> Cf. Conforme o jornal O Globo “A bomba com estilhaços de vidro, de cano plástico e pólvora teria sido arremessada de um edifício na esquina da Rua Vitória com a Vieira de Carvalho, segundo testemunhas, mas não foi identificado de que andar”. <http://oglobo.globo.com/pais/bomba-caseira-explode-fere-21-apos-parada-gay-em-sao-paulo-3192324>.

<sup>XIII</sup> Sobre a morte de Ivan Kotelchuk, ver <http://www.taringa.net/posts/info/1160493/Tres-Skinheads-condenados-por-asesinato.html> acesso em 20/04/2008; < <http://www.infobae.com/contenidos/374380-100799-0-Tres-skinheads-condenados-asesinar-un-joven>> acesso em 20/04/2008; < <http://www.pagina12.com.ar/diario/sociedad/3-54904-2005-08-11.html>> acesso em 19/04/2008.

<sup>XIV</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 123-190.

<sup>XV</sup> O termo "netwar" denota um modo emergente de conflito (e crime), aos níveis da sociedade, envolvendo medidas de curto de guerra, em que os protagonistas usam (...) formas de organização em rede, a doutrina, a comunicação, estratégia. Esses protagonistas geralmente consistem de dispersos, muitas vezes pequenos grupos que concordam em se comunicar, coordenar e agir através da internet, muitas vezes sem uma específica liderança central ou sede. A tomada de decisão pode ser deliberadamente descentralizada e dispersa. Tradução livre. Arquilla, John and David Ronfeldt. Conceptual Outlines. **The Advent Of Netwar**. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 1996.p.277 <[http://www.rand.org/pubs/monograph\\_reports/MR789](http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR789)>. Also available in print form. Acesso em 05/08/2011.

<sup>XVI</sup> Por exemplo, alguns membros de milícias de extrema direita nos Estados Unidos têm declarado netwar (ou netkrieg) contra o governo dos EUA, e organizaram uma “netwaffe” virtual. Além disso, ativistas de centro-esquerda que operam no México às vezes referem-se a si mesmos como "netwarriors". Tradução livre. **The Advent Of Netwar**. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 1996. p.277 <[http://www.rand.org/pubs/monograph\\_reports/MR789](http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR789)>. Also available in print form. Acesso em 05/08/2011.

<sup>XVII</sup> LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed34, 1999.

<sup>XVIII</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 63.

<sup>XIX</sup> PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2007.

<sup>XX</sup> MILMAN, Luis, VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2000.

<sup>XXI</sup> BIONDINI, Alejandro. Quiénes Somos. Disponível on line via: <<http://www.libreopinion.com/presentacion.html>>acesso em 10 jul.2009.

<sup>XXII</sup> HEDGES, Chris. **American Fascists: The Christian Right and the War on America**. New York: Free Press, 2008.

<sup>XXIII</sup> BLOCH, Marc. **A estranha derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 106.

<sup>XXIV</sup> HEDGES, Chris. **American Fascists: The Christian Right and the War on America**. New York: Free Press, 2008, p. 14; MATTELART, Armand, MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 4 ed.Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 187.

<sup>XXV</sup> MANIFEST. Disponível on line via: "<http://web.archive.org/web/20020204024958/www.libreopinion.com/members/whitehonour/index.htm>" acesso em 02/03/2010.

<sup>XXVI</sup> MANIFEST. Disponível on line via: "<http://web.archive.org/web/20020204024958/www.libreopinion.com/members/whitehonour/index.htm>" acesso em 02/03/2010.

<sup>xxvii</sup> Sobre isto consultar: BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Ideologia e intolerância: a Extrema Direita latino-americana e a atuação no Brasil dos herdeiros do Eixo. **AURORA** ano II número 2 - JUNHO DE 2008.p.2-11; MOYANO, Antonio Luis. **Neonazis: La seducción de La svástica**. Nowtilus: Madrid, 2004;MILMAN, Luis, VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Neonazismo, negacionismo e extremismo** político. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2000. Sobre a temática no cinema ver: DAMASCENO, Natalia Abreu. **Skinheads e cinema: A Outra História**. Rio de Janeiro: **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, Ano 4, Nº17, Rio, 2009.

<sup>xxviii</sup> FARINÓS, Ángel M. de Velasco. Los orígenes de Internet. **Hispania Nova**. n.2.2001-2002. Disponível on line: <http://hispanianova.rediris.es/general/articulo/024/art024.htm> acesso em 15/03/2008.

<sup>xxix</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

### Referências bibliográficas:

BACK, L, KEITH, M, SOLOMOS, John. Racism on the Internet: mapping neofascist subcultures in cyberspace. BJØRGO, T., KAPLAN, J. (Orgs.). **Nation and race: the developing Euro-American racista subculture**. Austin, TX: Northeastern University Press, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BIONDINI, Alejandro. Quiénes Somos. Disponível on line via: <<http://www.libreopinion.com/presentacion.html>>acesso em 10 jul.2009.

BLOCH, Marc. **A estranha derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CLARKE, Richard. **Cyberwar: the next threat to national security and what to do about it**. New York: Harper-Collins, 2010.

FARINÓS, Ángel M. de Velasco. Los orígenes de Internet. **Hispania Nova**. n.2.2001-2002. Disponível on line: <http://hispanianova.rediris.es/general/articulo/024/art024.htm> acesso em 15/03/2008.

HEDGES, Chris. **American Fascists: The Christian Right and the War on America**. New York: Free Press, 2008.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2 ed. Trad. Maria Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed34, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MANIFEST. Disponível on line via: "<http://web.archive.org/web/20020204024958/www.libreopinion.com/members/whitehonour/index.htm>" acesso em 02/03/2010.

MATTELART, Armand, MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 4 ed. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre História e Internet**. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias, 2011

MILMAN, Luis, VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2000.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2007.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Revoluções Conservadoras, Terror e Fundamentalismo: regressões do indivíduo na Modernidade. In: **O Século Sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O retorno: é primavera em Zwickau, Alemanha. Carta Maior. Disponível on line via <[http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna\\_id=5423](http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5423)> acesso em 24/01/2012.

TALBOT, David. Terror's Server - How radical Islamists use internet fraud to finance terrorism and exploit the internet for Jihad propaganda and recruitment. Technology Review. <[http://www.technologyreview.com/articles/05/02/issue/feature\\_terror.asp?p=0](http://www.technologyreview.com/articles/05/02/issue/feature_terror.asp?p=0)> Último acesso em 09/06/2005.